

RECORDANDO PEDRO KROUPA (1987 A 1992)

Bruno Lima Rocha

Em meados de 1987 a prefeitura do Rio de Janeiro atendeu a uma demanda da Fetranspor, a patronal dos donos de ônibus (a mesma que após 2013 teve difundida a liderança do empresário Barata Filho) e aumentou a passagem rodoviária em pleno dia útil. A classe trabalhadora se deslocou de manhã com um valor e ao tentar voltar para casa, antes de chacoalhar por mais de uma hora e meia em péssimas condições, ainda viu o custo do transporte aumentado. Houve uma verdadeira revolta popular, típica do Centro do Rio, tal como foi a Revolta das Barcas, em maio de 1959, quando o Sindicato dos Marítimos se posicionou contra o Grupo Carreteiro, concessionário do serviço que atravessava a Baía de Guanabara (vem daí a encampação que estatizou o transporte marítimo entre Rio e Niterói).

No meio da rebelião popular de 1987, justamente na primeira linha, dois militantes anarquistas se encontraram. Um está vivo, servidor público e não convém falar seu nome. Outro, recentemente falecido, um paulistano do bairro do Ipiranga com forte sotaque, mas radicado no subúrbio carioca, Pedro Kroupa. Nada mais significativo para dois militantes da mesma orientação ideológica do que se posicionarem no mesmo lugar, cumprindo o dever de servir ao povo sem nada esperar em troca a não ser a satisfação da missão cumprida, de forma briosa e anônima, como deve ser.

Naquela tarde de ônibus incendiados, a repressão violentíssima da Polícia Militar no primeiro ano do governo Moreira Franco (sim, ele mesmo, o de sempre, o ex-maoísta que vendeu sua alma para a família Amaral Peixoto e se tornou um típico oligarca fluminense) trouxe um desalento. A PMERJ bateu a valer – como sempre – mas quem autorizou o aumento estapafúrdio e no meio do dia de batente foi a prefeitura sob o comando de Roberto Saturnino Braga (antigo político do PSB, passando para o MDB e depois aderindo ao brizolismo, então muito popular) e apoio de Leonel Brizola até sua ruptura com o velho caudilho em 1988. No governo de Moreira Franco, dois partidos da antiga esquerda stalinista (PC do B e PCB antes de sua ala majoritária se tornar PPS). No Palácio da Cidade, o trabalhismo de Brizola se divorciando com o povo e governando ao lado dos chaguistas (descendentes políticos do oligarca e apoiador da ditadura embora emedebista, ex-governador Chagas Freitas) e da bicheirada (então

ainda poderosos banqueiros do Jogo do Bicho). Com o povo desamparado, como sempre, traído de novo e de novo pelas ex-esquerdas mais tradicionais (a antiga rivalidade e por vezes pacto petebosta-stalino como diziam os antigos dos anos '40, '50 e '60), o que restava era contar com a revolta espontânea e alguma capacidade de se mover mais rápido do que a repressão.

Ao lado da massa, como um anônimo trabalhador de nível médio de escritório, um adulto jovem, perto dos 30 anos, pai de família e com treinamento tático. Pedro corria com desenvoltura, estava em seu meio “natural”. Sua adolescência foi marcada pelo ambiente roqueiro de São Paulo, era parte da geração “pauliceia desvairada”, do rock’n’roll após o desbunde da derrota na luta armada. Não precisou seguir um caudilho ou imaginar-se na Sierra Maestra. Sua escola foi em casa, de família eslava, o avô veterano do partidão, da base portuária de Santos, e muito crítico da linha prestista. Na metade dos anos '70, o ácido ganhou da consciência de classe e Pedrão – já um jovem corpulento – foi orientado por um padre apoiador da TFP (sim, a própria, Tradição, Família e Propriedade) e da ditadura dizendo que ele – Pedro - escaparia do reformatório se engajassem no Corpo de Fuzileiros Navais, como aprendiz de marinheiro. Na época era permitido. Dos 16 aos 22 anos Pedrão foi fuzileiro, servia na Polícia da Marinha e tinha como missão patrulhar as perigosas redondezas da Companhia Docas do Porto de Santos, CODESP, então área de segurança nacional. Antes de dar baixa, por insubordinação e desobediência, passou por um calvário. Havia um maldito tenente que pegava no pé da tropa, e Pedro, primeiro sargento, não deixava nenhum soldado de seu pelotão na mão. Tomou as dores da tropa e as transferiu para o tenentinho. Xingado na sua honra, o “garanhão eslavo” mandou o miliquinho para a lona, nocauteando com um direto de mão nua. O tenente foi para o hospital e ele para a cadeia do quartel, lá ficando por seis meses. Saiu da cela, deu baixa e trouxe para a luta popular o que o inimigo o ensinara por longos seis anos.

Pedro Kroupa conhecia a rua e o mundo do trabalho. Valente e discreto, o tom de voz não subia e era bastante comedido nos gestos. Muito educado, um companheiraço, destes que dá gosto de encarar qualquer tarefa. Todo o rigor do quartel forçado o ajudou a compreender o ambiente das empresas. Trabalhador de almoxarifado e estoquista fazia faculdade privada de administração à noite e nos manuais de estudo, viu a semelhança entre a estrutura dos exércitos britânicos do século XIX e o mundo industrial da era do capitalismo monopolista. Sérioo, responsável e discreto no trabalho,

tinha outra paixão para além da ideologia anarquista e especificamente, sua abordagem como filosofia política.

Pedrão era roqueiro dos anos '70 e se torna metaleiro nos '80. Ali, descobriu duas profissões. Uma como diagramador de revistas, saber este autodidata que levou para a militância, na saudosa revista Utopia, que fazíamos a boneca com régua e cola bastão, calculando em paikas ainda. Outra profissão, esta a que lhe garantiu algo de bem estar na idade madura e avançada, era como iluminador profissional. Começou montando espetáculos gratuitamente, sabia tudo de luz, se torna um técnico de primeiro nível, sendo disputado pelos teatros e concertos do Rio a partir já do início dos anos '90. Progressivamente, foi passando de um militante de todas as horas para ser o apoiador que sempre se podia contar. Tudo bem, a vida anda, os filhos crescem e as contas sempre chegam.

Antes deste período mais como apoiador, ainda no seu casamento com uma militante histórica da esquerda católica, diretamente vinculada com as pastorais sociais mais combativas dos anos '80, Pedrão salvou duas vidas. O Chile ainda vivia sob a ditadura de Augusto Pinochet, com seus Carabineros, os Chicago Boys neoliberais e a maldita DINA (polícia política). Dois militantes com origens no MAPU-Lautaro (guerrilha chilena de matriz cristã) estavam clandestinos no Brasil e sob a proteção da Cáritas. Sua companheira foi encarregada de abriga-los em casa até saírem os papeis para o exílio e Pedro cuidou pessoalmente da segurança deste casal perseguido. Os dois saíram sãos e salvos para os novos rumos e Pedrão colocou mais uma vez o dever à frente da sua vida, como sempre fez.

Pedrão foi o retrato do anarquismo de sua época. Mais filosófico do que organizador, conhecia mais princípios do que teoria, muito vinculado ao passado classista e em pé de guerra contra as ditaduras do Leste Europeu. Pedro Kroupa era a síntese da retomada do pensamento e militância anarquista da segunda metade da década de '80. Ele, seus companheiros do Grupo Anarquista José Oiticica (GAJO), todos nós que éramos do ainda chamado “movimento anarquista”. Este era constituído no Rio pelo Círculo de Estudos Libertários, três grupos ainda de “afinidade” e duas legiões de subculturas, tanto no punk como no universo da Soma; também constavam militantes estudantis bem aguerridos (secundaristas e universitários), poucos líderes sindicais e a memorável e briosa base petroleira do Norte Fluminense (trabalhadores embarcados em plataformas, como Jorjão, Tavares, Mário e Celi).

Enfim, ele, Pedro, representou um período e era a referência da época. Certamente se tivesse vivido a juventude de seu avô antes de sair da antiga Iugoslávia, seria um partizan da estrela negra, tapando o nariz ao se coligar com Tito, mas criando o terror para os fascistas croatas (ustashes) e também para os malditos monarquistas sérvios (chetniks). Como lhe tocou viver em São Paulo e Santos durante o último período da ditadura militar brasileira e no Rio no retorno da democracia burguesa, cumpriu com sua sina buscando o caminho da juventude desvairada, rompeu com as amarras do Corpo de Fuzileiros Navais e foi fundamental para o anarquismo brasileiro, em especial o do Rio de Janeiro, na segunda metade da década de '80.

Pouco resta a falar, Pedrão Eterno, Pedro Kroupa, a melhor síntese entre o compromisso com os princípios do anarquismo e a solidariedade inquestionável no cumprimento do dever militante. Impossível esquecer de ti companheiro.